

Mapeamento do risco de desmatamento das exportações brasileiras de carne bovina

Novos dados da plataforma Trase mapeiam as exportações brasileiras de carne bovina, miúdos e gado vivo em 2015–2017, identificando seus vínculos com o desmatamento. Este briefing descreve esse comércio, identificando os principais mercados atendidos pelo setor brasileiro de exportação de carne bovina, no valor de US\$ 6 bilhões, e destacando a relação entre essas exportações e 65.000 a 75.000 hectares de desmatamento por ano. Os dados podem ser acessados gratuitamente em trase.earth

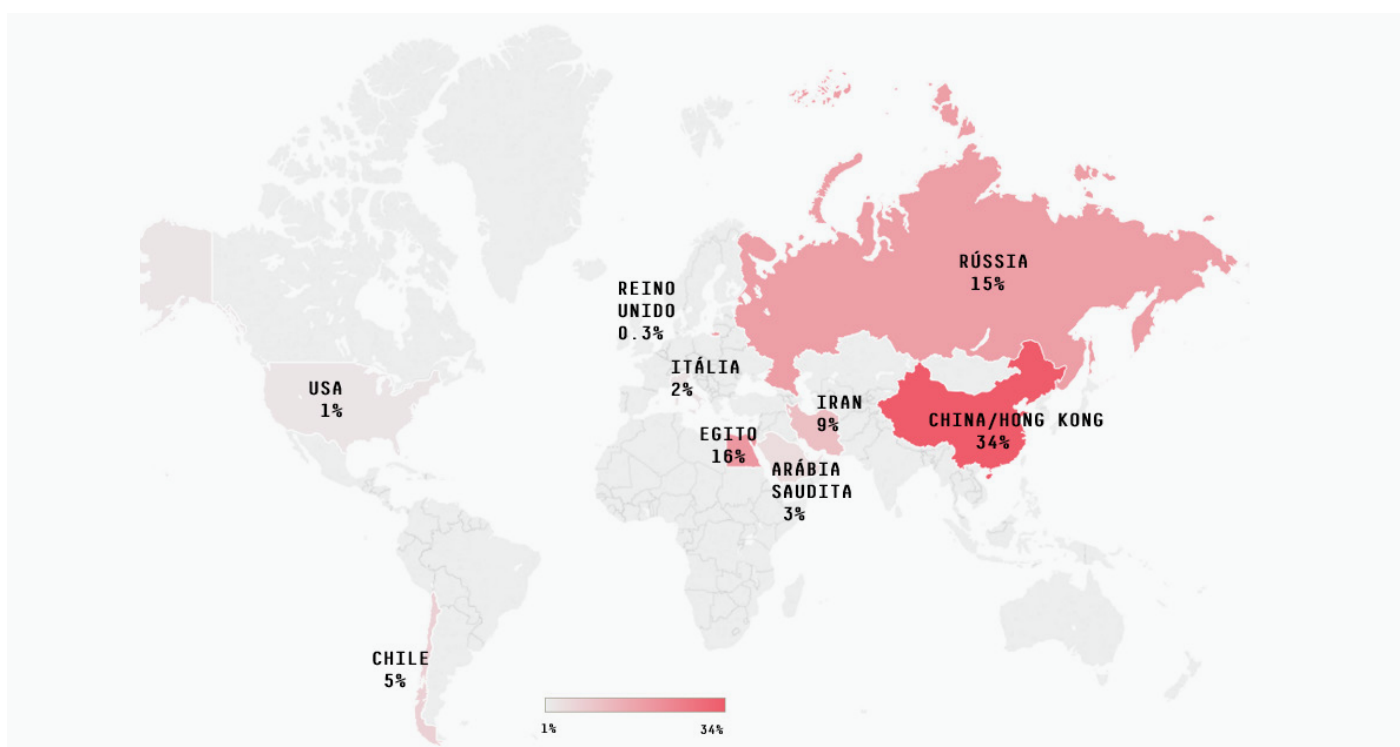
O Brasil é o maior exportador mundial de produtos de carne bovina: cerca de 1,4 milhão de toneladas ao ano para varejistas e indústrias de processamento no mundo todo. Embora esse comércio, no valor de quase US\$ 6 bilhões, seja importante para a economia brasileira, ele cobra um preço alto das florestas do país, de seus povos locais e tradicionais e de sua biodiversidade.

Nas regiões da Amazônia e do Cerrado – duas das mais importantes do Brasil, tanto em biodiversidade quanto em diversidade social – dois terços do desmatamento são

motivados por pastagens. Em geral, estima-se que cerca de 260.000 a 580.000 hectares de floresta sejam perdidos para a expansão da pecuária a cada ano.

Devido a esse desmatamento e aos gases que o gado emite ao digerir o capim, a pecuária é responsável por cerca de metade das emissões de gases de efeito estufa do Brasil, contribuindo significativamente para o impacto climático do país. O setor também está associado a casos de conflito fundiário, trabalho escravo e deslocamento de comunidades tradicionais.

Principais importadores de carne bovina brasileira



Embora esses impactos estejam associados à pecuária há muito tempo, a natureza complexa das cadeias de suprimentos do gado dificulta a vinculação direta do desmatamento e outros impactos às empresas e aos mercados consumidores.

Os novos dados disponibilizados pela plataforma Trase podem mudar isso, pois apresentam níveis inéditos de transparência sobre as exportações brasileiras de carne bovina, destacando o desmatamento e outros riscos aos quais os compradores estão expostos.

Os novos dados mapeiam as cadeias de suprimentos das exportações brasileiras de carne bovina e de gado vivo desde os municípios onde o gado é criado até os países importadores, tendo identificado 210.000 hectares de desmatamento vinculados a essas exportações entre 2015-2017. Isso equivale à perda de uma área maior que Londres em apenas três anos.

É importante ressaltar que esses números de desmatamento são bastante discriminados e revelam o risco de desmatamento ao qual cada exportador, importador e país consumidor está exposto – ou seja, a área estimada de desmatamento (em hectares) que está associada a cada comprador [ver quadro intitulado Como funciona a Trase?].

Usando esses dados, os compradores internacionais de carne bovina brasileira podem estimar sua exposição ao desmatamento com base em suas regiões de fornecimento e identificar prioridades e opções de ação.

Sempre que possível, os novos dados incluem os fornecedores indiretos – ou seja, as fazendas onde o gado foi criado – em vez de simplesmente a última propriedade de onde veio antes de ser enviado a um abatedouro ou para exportação ao vivo (o fornecedor direto).

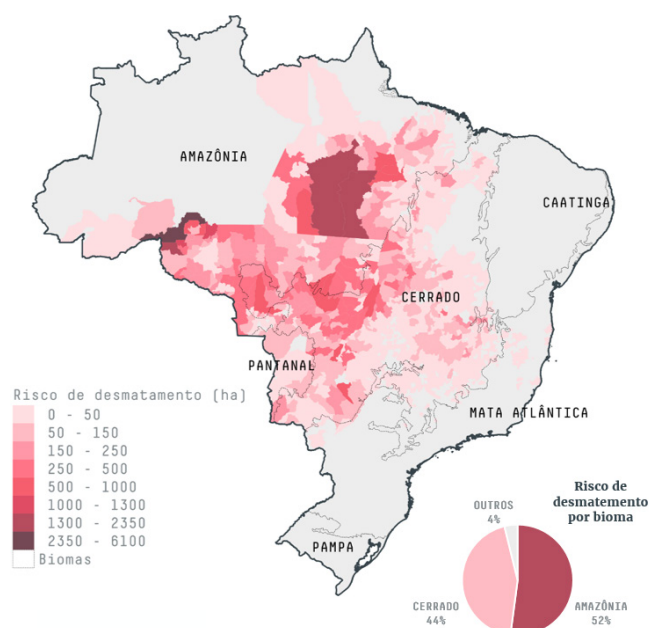
Esses fornecedores indiretos compõem uma parte importante, mas antes invisível, da cadeia de suprimentos e representam uma grande inovação no trabalho da Trase.

MERCADOS DE EXPORTAÇÃO E RISCO DE DESMATAMENTO

A Trase mapeia as exportações de carne bovina brasileira para 150 mercados internacionais através de milhares de empresas importadoras. Em 2017, os maiores desses mercados foram Hong Kong e a China continental, que, juntos, representaram 38% das exportações brasileiras de carne bovina em volume.

O risco de desmatamento associado à carne exportada varia dependendo de onde no Brasil o gado foi criado. Os dados da Trase podem ser usados para identificar esses impactos para os compradores em diferentes cadeias de suprimentos. Por exemplo, as importações de Hong Kong (23% das exportações brasileiras de carne bovina) foram associadas a um risco de desmatamento por tonelada significativamente mais alto que as importações da China continental (15%). Isso ocorre porque um volume significativamente maior das importações de carne bovina de Hong Kong tem sua origem na Amazônia,

Risco de desmatamento de carne bovina por município (2017)



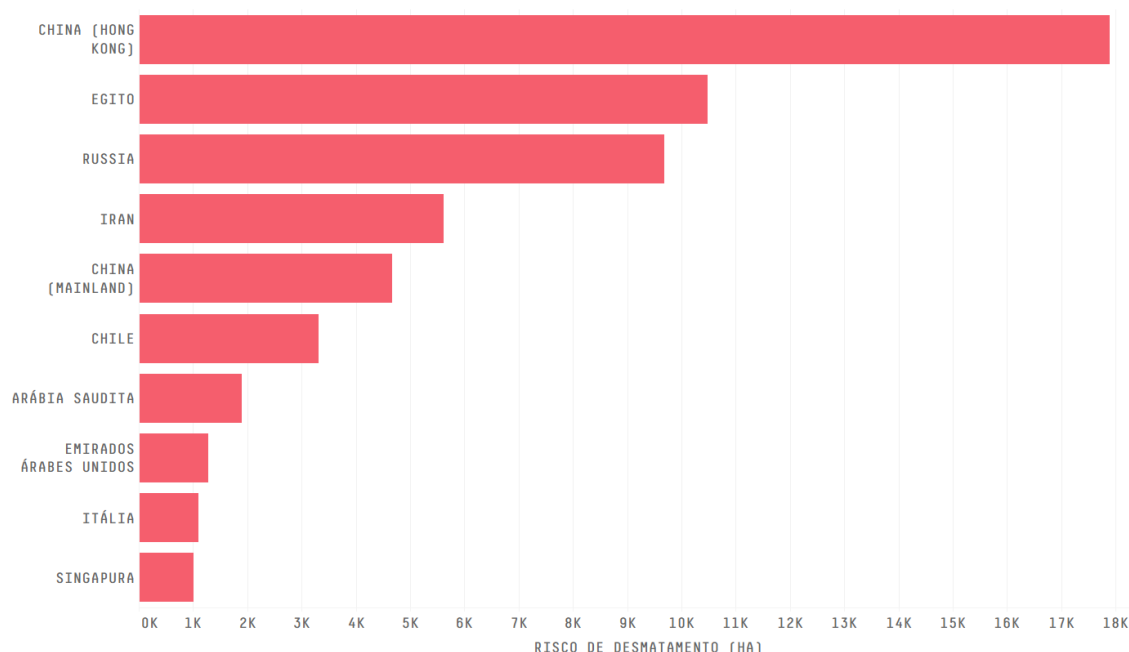
Novos riscos do acordo Mercosul-UE?

No final de junho de 2019, a União Europeia (UE) assinou um acordo de livre comércio com o bloco comercial do Mercosul: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. O Acordo incluía um compromisso de aumentar as importações de carne bovina da região em mais de um terço (99.000 toneladas adicionais/ano). Atualmente, o Brasil fornece mais da metade de todas as exportações de carne bovina do Mercosul para a UE (cerca de 100.000 toneladas); portanto, o acordo deverá aumentar consideravelmente as exportações brasileiras de carne bovina. Os dados da plataforma Trase podem ser utilizados para verificar os riscos potenciais de desmatamento vinculados a esse comércio.

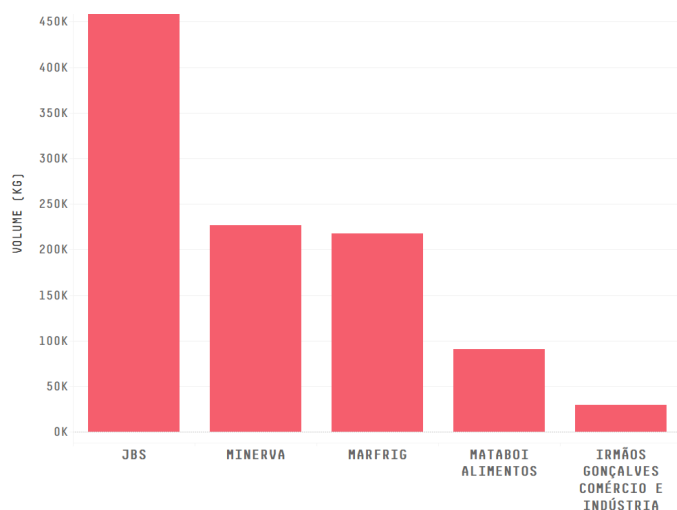
Atualmente, a UE adquire gado de muitas regiões do Brasil, com as maiores quantidades provenientes dos Pampas, no extremo sul do país; da região sul do Cerrado; e da zona de transição Amazônia-Cerrado, no oeste. Entre 2015 e 2017, as importações de carne bovina da UE foram vinculadas a 2.900–3.600 hectares de risco de desmatamento a cada ano.

À medida que cresce o comércio de carne bovina entre o Brasil e a União Europeia, os dados da Trase, atualizados anualmente, oferecem uma maneira poderosa de monitorar as fontes de exportação de carne bovina do Brasil para a UE, bem como qualquer alteração no risco de desmatamento a que as empresas e consumidores europeus estejam expostos.

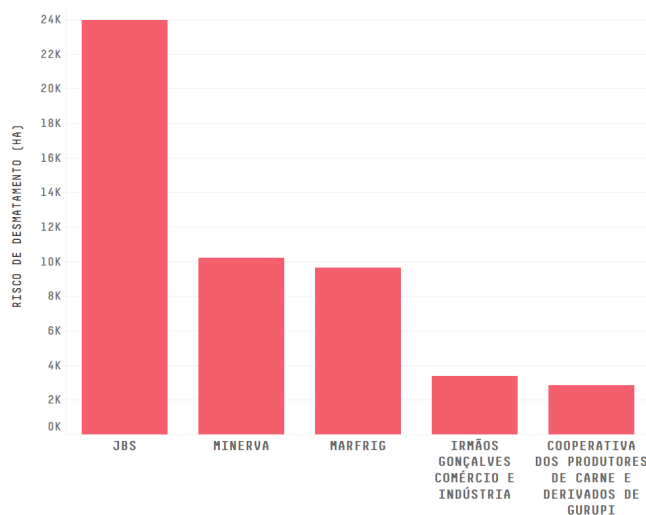
Risco de desmatamento dos principais importadores de carne bovina brasileira



5 principais exportadores de carne bovina do Brasil (2017)



Risco de desmatamento dos 5 principais exportadores de carne bovina do Brasil (2017)



ao passo que as importações da China continental vêm mais do sul do Brasil, de estados como São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

Em 2017, as exportações para Hong Kong estavam vinculadas a 27% de todo o risco de desmatamento associado à exportação (18.000 hectares), ao passo que as exportações para a China estavam relacionadas a 7% do risco de desmatamento (4.700 hectares). A Rússia, embora apenas o quarto maior importador em 2017, apresentou o terceiro maior risco de desmatamento, com 10.000 hectares.

Ao identificar as origens da carne e de outros produtos bovinos exportados, os dados da Trase também nos permitem comparar o desmatamento associado às exportações e ao mercado interno. Em geral, os mercados de exportação adquirem 19% da carne bovina brasileira e assumem 13-14% do risco de desmatamento.

O mercado doméstico compra 81% da carne bovina do país e está ligado a 85-86% do desmatamento relacionado à pecuária. Isso ocorre principalmente porque uma parcela desproporcionalmente alta da carne bovina criada na Amazônia, onde os riscos de desmatamento por tonelada são altos, alimenta o mercado doméstico. Esses dados confirmam que é necessária uma ação de vários

atores – abatedouros, varejistas, governo, comerciantes e mercados de consumo no exterior – para combater o desmatamento no setor pecuário.

EMPRESAS EXPORTADORAS E SEUS COMPROMISSOS LIGADOS AO DESMATAMENTO

Os dados sobre a carne bovina brasileira disponibilizados pela Trase também mapeiam as cadeias de suprimentos e quantificam o risco de desmatamento das 200 empresas exportadoras de carne bovina e gado vivo do Brasil.

A maior processadora de carnes do mundo, a empresa brasileira JBS, é também a maior exportadora de carne bovina brasileira, com 29% do volume total de exportações em 2017. Ela representou uma parcela ainda maior – e acima da média – do risco total de desmatamento para as exportações de produtos de carne bovina em 2017: 36% (24.000 ha). Isso ocorre porque grande parte da carne bovina exportada pela JBS vem da Amazônia, onde a empresa possui abatedouros nos estados de Mato Grosso, Rondônia, Pará e Acre. Em 2017, a Minerva, a segunda maior exportadora, movimentou 15,8% das exportações e esteve associada a 15,5% do risco de desmatamento vinculado à exportação (10.200 ha).

A Marfrig, a terceira maior exportadora, viu sua participação nas exportações aumentar de 12% para 15% entre 2015 e 2017, tendo sido associada a 10-15% do risco de desmatamento nesse período (9.600 ha em 2017).

Cerca de dois terços das exportações brasileiras de carne bovina são realizadas por essas três empresas – JBS, Minerva e Marfrig. As três assinaram o acordo G4, um compromisso de eliminar o desmatamento de suas cadeias de suprimentos no bioma Amazônia. Apesar disso, os dados da Trase indicam que as exportações dessas empresas foram vinculadas a 140.000 ha de desmatamento entre 2015 e 2017.

Embora essas empresas tenham adotado medidas para monitorar seus fornecedores diretos e, portanto, teoricamente possam evitar fazendas associadas ao desmatamento, nenhuma até agora monitora seus fornecedores indiretos, que compõem a maior parte de sua cadeia de suprimentos. A plataforma Trase revela os riscos não quantificados anteriormente associados às exportações de gado de cada empresa, contabilizando, sempre que possível, seus fornecedores indiretos e

adotando uma abordagem de paisagem para medir seu risco de desmatamento (ou seja, calculando o risco de desmatamento em nível municipal).

Os dados da Trase também indicam que de 45% a 54% do risco de desmatamento dessas empresas vem do fornecimento de gado de fora da Amazônia, a partir do Cerrado, onde a vegetação nativa também está sendo convertida em pastagem. Por cobrir apenas a Amazônia, o acordo G4 não é suficiente para eliminar o desmatamento e proteger as empresas a jusante do risco de desmatamento.

UMA NOVA E PODEROSA FERRAMENTA PARA COMBATER O DESMATAMENTO RELACIONADO À CARNE BOVINA

Os novos dados da plataforma Trase representam um grande avanço em nossa compreensão do comércio de uma das principais commodities agrícolas com risco de desmatamento do mundo. À medida que cresce o apetite mundial por carne bovina, a Trase ajuda a identificar



PHOTO: DANIEL BELTRA / GREENPEACE



PHOTO: DANIEL BELTRA / GREENPEACE

as principais empresas e países que podem promover melhorias na sustentabilidade dessas cadeias de suprimentos globais.

Para empresas envolvidas no comércio brasileiro de carne bovina, bem como para investidores em potencial, a Trase pode ser uma ferramenta poderosa para identificar pontos críticos nos riscos de sustentabilidade das cadeias de suprimentos da empresa e as regiões onde eles devem concentrar suas ações em busca de metas de desmatamento zero.

Os governos podem usar essas informações para rastrear o desmatamento vinculado às importações de seu país. Alguns governos, como, por exemplo, os sete signatários das Declarações de Amsterdam – Alemanha, Dinamarca, Noruega, França, Holanda, Reino Unido e Itália – assumiram compromissos de desmatamento zero e podem usar os dados da Trase para introduzir melhorias em suas cadeias de suprimentos.

Ademais, organizações da sociedade civil e jornalistas podem usar os dados para promover uma produção mais sustentável e monitorar o progresso nos compromissos de sustentabilidade de diferentes setores, concentrando-se nos maiores culpados com mais eficácia e identificando eventuais avanços.

COMO FUNCIONA A TRASE?

Como todos os conjuntos de dados da Trase, o que se concentra nos produtos pecuários brasileiros analisa as declarações alfandegárias e muitas outras fontes de dados complementares. As exportações mapeadas pela Trase são baseadas em declarações alfandegárias que cobrem quase US\$ 6 bilhões em exportações anuais de carne bovina, miúdos e gado vivo. Esses dados foram vinculados a abatedouros específicos, triangulando as informações contidas nos dados alfandegários com os dados sobre os ativos das empresas, as relações subsidiárias das empresas e as listas oficiais de licenças de exportação dos abatedouros.

Uma vez identificado o abatedouro, os municípios de origem do gado foram mapeados usando um entre dois métodos, descritos a seguir. Em 50,4% das exportações, foram utilizados registros de movimentação de gado entre propriedades agrícolas. Esses dados incluem fornecedores indiretos, ou seja, produtores que não vendem diretamente ao abatedouro (eles podem, por exemplo, vender os bezerros a outra fazenda, que os cria antes do abate). No caso dos 49,2% restantes, que se referem a abatedouros onde não havia registros de movimentação de animais (principalmente relacionados ao abate nos estados de São Paulo, Goiás e Rondônia), foram utilizados dados sobre a origem do gado abatido nos abatedouros licenciados para exportação em cada estado. Eles identificam os municípios de onde o gado se originou, mas não capturam os fornecedores indiretos.

Os mapas da origem de cada carga foram, então, vinculados a dados de desmatamento para calcular seu “risco de desmatamento”, ou seja, a área de desmatamento relacionado ao gado (em hectares) associada à sua produção, com base nos municípios de origem e na proporção da produção exportada por município. O desmatamento relacionado ao gado foi calculado para cada município por meio da interseção de mapas anuais de alta resolução que indicam a expansão das pastagens e o desmatamento nos biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, com estatísticas sobre a produção de gado por município. O desmatamento foi contado como relacionado ao gado nos casos em que foi possível detectar pastos nas terras desmatadas no prazo de cinco anos a partir do desmatamento (excluindo as pastagens que se tornaram terras de cultivo de soja nesse período). Os dados da plataforma Trase são de acesso livre e estão disponíveis gratuitamente para download em trase.earth/data.

The Trase Infobrief series illustrates some of the key insights around commodity trade and supply chain sustainability that are made possible by Trase. Explore the data yourself at trase.earth

A JOINT INITIATIVE OF

MADE POSSIBLE BY

